

ESCOLA SECUNDÁRIA DE SAMPAIO
FICHA DE LEITURA ORIENTADA
OS MAIAS

CAPÍTULO I

1. *“Longos anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína.”*

1.1. Assinala os elementos da descrição do Ramalhete que lhe conferem esses “tons de ruína”.

1.2. Compara a primeira descrição do quintal do Ramalhete com a que é feita mais adiante no texto, após as obras de restauro.

1.3. Indica o motivo que leva Afonso a deixar Santa Olávia para vir habitar o Ramalhete.

2. *“Todavia, Afonso ainda ia longe, como ele dizia, de ser um gato borralheiro.”*

2.1. Indica os traços caracterizadores desta personagem.

3. *“Esta existência nem sempre assim correrá com a tranquilidade larga e clara de um belo rio de Verão.”*

3.1. Esta afirmação introduz uma alteração no discurso narrativo. Explicita-a.

4. *“A alma do seu Pedrinho não abandonaria ela à heresia; -e para o educar mandou vir de Lisboa o padre Vasques, capelão do conde de Runa.”*

4.1. Descreve e comenta o modo como Pedro da Maia foi educado.

5. *“O Pedrinho no entanto estava quase um homem.”*

5.1. Caracteriza esta personagem, tendo em conta os traços físicos e os aspectos psicológicos e comportamentais.

CAPÍTULO II

1. *“Começara então uma existência feliz e luxuosa.”*

1.1. Caracteriza o ambiente que se vivia na casa de Arroios.

2. *“Para abrandar desde já o papá, Pedro quis dar ao pequeno o nome de Afonso. Mas nisso Maria não consentiu.”*

2.1. Justifica a recusa de Maria Monforte.

3. *“Uma sombria tarde de Dezembro, de grande chuva, Afonso da Maia estava no seu escritório lendo, quando a porta se abriu violentamente, e, alçando os olhos do livro, viu Pedro diante de si.”*

3.1. Indica o motivo que leva Pedro a procurar o pai.

3.2. Relaciona o desenlace da história de Pedro da Maia com a mentalidade romântica dos seus protagonistas.

CAPÍTULO III

1. O início do terceiro capítulo remete para o final do anterior.

1.1. Compara a realidade que Vilaça observa, alguns anos depois, quando regressa a Santa Olávia, com aquela que encontrara na sua última visita, descrita no final do segundo capítulo.

1.2. Indica a causa da mudança verificada.

2. Ao longo deste capítulo, são confrontados dois modelos educacionais: a educação tradicional portuguesa e a educação “à inglesa”.

2.1. Caracteriza cada um desses modelos educacionais.

2.2. Evidencia o contraste entre Carlos e Eusebiozinho.

2.3. Indica exemplos do uso do diminutivo e da ironia na caracterização de Eusebiozinho, referindo a sua expressividade.

CAPÍTULO IV

“Carlos ia formar-se em Medicina (...) –Grande coisa, ter um curso!”

1. Faz o levantamento das expressões que revelam o diletantismo de Carlos, ao longo da passagem acima indicada.

2. Assinala as passagens onde o narrador insinua a falência futura dos projectos de Carlos.

“Ega andava-se formando em Direito...”

3. Traça o perfil físico, psicológico e ideológico da personagem acima referida.

“E então Carlos partira para a sua longa viagem pela Europa. Um ano passou. Chegara esse Outono de 1875”

4. Refere o significado da passagem acima transcrita.

“Carlos mobilou-o com luxo. (...) -Dia perdido!”

5. Mostra a inadequação do consultório de Carlos ao exercício da Medicina.

6. Considera a passagem seguinte: *“Do Rossio, o ruído das carroças...-Dia perdido!”*.

6.1. Procede à análise morfosintáctica e estilística desta passagem.

6.2. Comenta o valor expressivo dos elementos morfosintácticos e estilísticos referidos anteriormente.

CAPÍTULO VI

O Jantar do Hotel Central é o primeiro contacto alargado de Carlos com a sociedade lisboeta. E é, à entrada do Hotel Central, que Carlos vê, pela primeira vez, Maria Eduarda.

1. Comenta o significado dos elementos presentes no retrato inicial de Maria Eduarda.

2. Dâmaso Salcede, um dos intervenientes no jantar do Hotel Central sobre quem o olhar crítico do narrador mais se fixa, é uma personagem que tipifica os vícios da sociedade lisboeta.

2.1. Explica como se concretiza o propósito caricatural do narrador na caracterização desta personagem.

3. No episódio do Jantar do Hotel Central, defrontam-se duas concepções opostas de literatura (realismo e [ultra-]romantismo), defendidas, respectivamente, por Ega e por Alencar.

- 3.1. Sintetiza a tese defendida por cada um deles.
- 3.2. Refere os traços [ultra-]românticos evidenciados pelo narrador na caracterização de Alencar.
- 3.3. Comenta a longa intervenção do narrador a propósito da afirmação de Alencar, segundo a qual a literatura naturalista era um “excremento”.
- 3.4. Que significado atribuis às interrupções do criado ao longo da discussão?
- 3.5. Relaciona a discussão entre Ega e Alencar com a polémica entre Antero e Castilho na “Questão Coimbrã”.

CAPÍTULO X

O episódio das corridas constitui um dos momentos fundamentais da função crítica da crónica de costumes anunciada pelo subtítulo do romance.

1. Analisa o episódio, salientando os seguintes aspectos:
 - integração na estrutura interna da narrativa;
 - caracterização da situação e do seu significado;
 - personagens intervenientes;
 - ponto de vista do narrador;
 - expressividade da linguagem e dos recursos estilísticos.

CAPÍTULO XI

O primeiro encontro a sós de Carlos com Maria Eduarda pode classificar-se como uma “cena idílica de género”.

“Na manhã seguinte, Carlos que se erguera cedo (...) –Até amanhã, ‘Niniche’!”

1. Identifica os elementos teatrais da cena apresentada.
2. Caracteriza o jogo amoroso que se estabelece entre os dois protagonistas da cena.
3. Reconhece a idealização da figura feminina e consequente espiritualização do amor.
4. Relaciona o retrato literário da figura feminina com a pintura impressionista.
5. Faz o levantamento de indícios trágicos.

CAPÍTULO XIII

“Carlos acendeu uma cigarette (...) numa demorada sesta, sob a calma de Julho...”

1. Reconhece o simbolismo do nome atribuído à casa onde decorre o encontro amoroso.
2. Faz um levantamento pormenorizado de todos os elementos que constituem indícios trágicos.

CAPÍTULO XIV

Neste capítulo, Carlos toma conhecimento de alguns aspectos da vida passada de Maria Eduarda.

1. Comenta as reacções e a atitude de Carlos face a esses aspectos.
2. Explica como Maria Eduarda se reabilita moralmente no confronto com Carlos, no final do capítulo.

CAPÍTULO XVI

1. Mostra como a intervenção de Guimarães é decisiva para o desenrolar da intriga.

2. Como interpretas a reacção de Ega perante as revelações de Guimarães?
3. A paixão de Carlos e de Maria Eduarda parece transgredir a própria organização social. Segundo Ega, que força os terá atraído? Justifica.
4. Que dimensão simbólica se pode atribuir à temática do incesto?

CAPÍTULO XVII

A intriga principal atinge o clímax e sucede-se-lhe o desenlace.

1. Explica como a catástrofe, não atingindo directamente Carlos ou Maria Eduarda, se desloca para Afonso da Maia.
2. *“Era, surgindo do fundo do seu ser... Só lhe restava matar-se!”*
 - 2.1. Comenta o significado do monólogo interior de Carlos presente no excerto acima referido.

CAPÍTULO XVIII

A partir do epílogo, podemos entender que todo o romance funciona, afinal, como um percurso da desistência e do desencanto, vivido individual e colectivamente.

1. A partir da análise do passeio de Carlos e de Ega pelas ruas de Lisboa, dez anos depois, diz se concordas com a afirmação feita. Justifica a tua resposta.
2. Como interpretas o final do romance?

EXPRESSÃO CRIATIVA

1. Imagina que és o Eça de Queiroz do início do século XXI. Que “episódio da vida contemporânea” incluirias no teu romance? Redige esse episódio (num texto narrativo, que não ultrapasse as duas páginas A4), utilizando as marcas e o estilo do discurso queirosiano.